

JULIET
MARILLIER

AUTORA *BEST-SELLER* DO ROMANCE FANTÁSTICO

A HARPA
DOS REIS


BARDOS
GUERREIROS
VOLUME I

 Planeta

Para o meu neto Tycho

LISTA DE PERSONAGENS



Esta lista inclui algumas personagens cujo nome é mencionado, mas que não aparecem na história.

ILHA DOS CISNES

Cionnaola (kin-EH-la): ancião da ilha

Archu (ar-khoo): instrutor-chefe de combate. Nome de missão: tio Art

Brigid (breed): instrutora sénior para missões secretas

Haki (HA-kee): ex-Pele-de-Lobo; instrutor em combate marítimo

Eabha (EH-va): instrutora em arrombamento e disfarces

Illann (ull-an): guerreiro da ilha; ferrador qualificado. Nome de missão: Eoan (ohn)

Eimear (EE-mer): trabalha na ilha em função de apoio; toca flauta

Instruendos

Liobhan (LEE-vaun): cantora e tocadora de flauta. Nome de missão: Ciara (KEE-ra)

Brocc: irmão de Liobhan; cantor e harpista. Nome de missão: Donal

Dau (rima com *now*): terceiro filho de um chefe de clã. Nome de missão: Nessian

Hrothgar: um nórdico

Cianan

Yann: um armoricano

NA VIAGEM

Juniper: contadora de histórias e mulher sábia

Storm: a sua cadela

Oschu e Maen: casal numa «casa segura»

CORTE DE BREIFNE (BREF-neh)

Rodan (ROH-dan): filho do falecido rei Aengus

Cathra (ko-hra): regente

Brondus: conselheiro-chefe

Bress: segundo conselheiro

Niall (NEE-al): homem de leis

Garbh (gorv): guarda-costas de Rodan

Buach (boo-akh): guarda-costas de Rodan

Cruinn (krin): amigo de Rodan

Coll (koll): amigo de Rodan

Máire (MAH-reh): ama

Aislinn (ASH-lin): com seis anos

Mochta (MUKH-ta): ferrador da corte

Loman: palafreineiro

Finn: palafreineiro

Osgar: homem de armas; casado com Banva

Dana (DAH-na): lavadeira/costureira

Grainne (GRAH-nyeh): lavadeira/costureira

Banva (BAN-va): lavadeira/costureira

Maeve (mehv): lavadeira/costureira

Bryn: o cão da cavalaria

NEMETONS

Marcán (mork-ahn): druida-chefe

Farannán (FAR-ra-nahn): bardo-mor

Olann: um druida

Odhar (ohr): mestre das tradições e saber

Faelan (FEH-lahn): druida noviço

Ross: druida noviço

Sioda (SHEE-da): druida noviço

Flann: druida noviço

GLENDARRAGH

Tassach (toss-akh): chefe de clã; parente do falecido rei Aengus

Eithne (EH-nyeh): sua mulher

Brion (bree-on): com dez anos; o filho mais velho

Tadhg (taig): com oito anos; o segundo filho

Padraig: conselheiro de Tassach

REINO DE BREIFNE NO OUTRO MUNDO

Eirne (EHR-nyeh): rainha do reino feérico de Breifne

Rowan: o seu protector

Nightshade: a sua sábia

Verdadeiro

Borboleta-Traça

Pequeno-Capuz

Casaco-de-Cardo

OUTRAS PERSONAGENS CUJO NOME É MENCIONADO

Galen: irmão mais velho de Liobhan e Brocc; guarda-costas e companheiro de Aolu

Aolu (AY-loo): príncipe herdeiro de Dalriada

Senhora Blackthorn: mãe de Galen, Brocc e Liobhan; uma mulher sábia

Mestre Grim: pai de Galen, Brocc e Liobhan; mestre colmeiro

Seanan: irmão mais velho de Dau

Ruarc: segundo irmão de Dau

Snow: cadela de infância de Dau

Garalt: mentor de Dau

Aengus (falecido): anterior rei de Breifne

Dáire (falecida): sua mulher

Béibhinn (beh-veen): rainha do Povo Encantado no conto da *Harpa dos Reis*

Íomhar (EE-var): nome do pai fictício de Ciara

Clíodhna (KLEE-en-a): boneca de Aislinn, batizada com o nome de uma rainha dos Tuatha Dé Danann

CAPÍTULO 1

LIOBHAN



Maldito seja Archu! Por que temos de lutar com o raio desta carga de água? Engancho a minha perna esquerda em volta da direita de Brocc e jogo todo o meu peso para trás, derubando-nos aos dois no chão. Rolamos, cobrindo-nos de lama. Merda! Quem gostaria de fazer isto para o resto da vida? Devo estar louca.

O vento sopra, direto do mar do Norte, espalhando a chuva. Brocc pragueja. Ofega um pouco. Estou quase a apanhá-lo.

– Agarra-lhe os tomates! – grita alguém.

– Puxa-lhe os cabelos! – berra outra pessoa. Dau, suponho. Gosta de me ver perder.

Não há necessidade de olhar para Archu, mesmo que eu conseguisse virar a cabeça. Sei o que ele está a pensar: *isto não é uma rixa atrás do salão das bebidas, é um treino a sério. Tens vantagens. Usa-as.*

Altura superior, digo para comigo, ao mesmo tempo que Brocc se debate e consegue elevar-se sobre um joelho e, por um instante, afrouxa a pressão que exerce no meu braço direito. *Vontade mais forte de vencer. Pura ferocidade.* Agarro numa mão-cheia de lama e atiro-lha à cara. Ele blasfema, larga-me e leva as mãos aos olhos. Rodo de joelhos e aplico um soco bem calculado no seu maxilar. E ele cai.

– Parem. – Archu ergue a mão. – Liobhan ganhou o combate.

Terminou, graças aos deuses do vento e do tempo. Ouvem-se alguns aplausos dispersos da parte dos nossos camaradas encharcados, que são obrigados a observar todos os combates, faça o tempo que

fizer. Archu acredita que há sempre alguma coisa a aprender, sobretudo vendo as pessoas cometer erros. Estendo uma mão para Brocc e iço-o.

– Devia ter previsto isso – resmungo ele, a limpar o rosto com a manga ensopada em lama.

O que posso dizer? Lutamos juntos desde pequenos. Ele sabe que eu usarei truques sujos para ganhar se for preciso. Com grande frequência, ganho a Brocc; ele é honrado de mais para seu bem.

– Combate desordenado – diz Archu. – Brocc, estiveste em posição de vantagem por breves instantes, mas perdeste-a. Não deixes os teus pensamentos andar à deriva, sobretudo nestas situações. Aguça a vista, aguça os ouvidos, sente o que se passa em todas as partes do teu corpo. Mesmo quando contra-atacas o golpe dela, deves estar já a prever o golpe seguinte. Se ela te apanha despreparado, estás feito. Cometes um erro como este numa situação real e podes morrer. O que seria muito inútil para quem estiver a pagar pelos teus serviços. Toma. – Extrai um pano com mau aspecto de algum canto escondido da sua volumosa capa de pele, a veste é quase lendária, e entrega-lho. – Limpa essa coisa do teu rosto. – Vira-se para mim. – Liobhan, raciocínio rápido ali. Espero que não tenhas causado nenhuma lesão ao teu irmão. Existem formas mais honestas de terminar o combate. Diz-me uma.

Tenho estado a pensar no combate, visto que Archu pergunta sempre isto.

– Se tivesse sido mais rápida quando ambos caímos, podia ter lançado todo o meu peso em cima dele. Ou antes ainda, quando apliquei o golpe do bloqueio e arremesso, se tivesse aberto mais os pés, podia tê-lo impedido de se levantar de um salto.

– O salto foi bem executado. – O olhar duro de Archu desvia-se para Brocc e ele faz um breve aceno de aprovação. – És ágil, sem dúvida nenhuma.

– Está talhado para ser um artista ambulante. – Dau outra vez, o sacana arrogante. – Um homem de muitos talentos: canto, harpa, acrobacia e truques.

Cerro os dentes sobre a réplica mordaz que este comentário merece. O autodomínio faz parte do código da Ilha dos Cisnes e Archu está presente; Archu que a seu tempo ajudará a decidir

quais de nós, instruendos, se tornarão membros permanentes da equipa de guerreiros e quais serão enviados para casa com o peso do fracasso em cima dos ombros. Quanto a Brocc, não profere uma palavra.

– Ias ficar surpreendido – observa Archu – com os talentos que um guerreiro da Ilha dos Cisnes pode usar para adquirir vantagem estratégica. Alguns desses talentos poderão não ser competências de combate. Se algum de vocês tiver a sorte de continuar no curso e obter um lugar a longo prazo na ilha, descobrirá que os serviços que oferecemos são diversos. Nem tudo tem a ver com sair por aí engrinaldado com armas brilhantes e matar o outro homem antes que ele nos mate. Embora precisem também de aprender isso. Mais alguém tem alguma observação a fazer?

Claro que têm. O nosso grupo está na ilha há duas voltas da lua e o treino tem sido intensivo. Treinamos todos os dias e muitas vezes também de noite. Temos de estar aptos em qualquer situação. Archu é o instrutor-chefe de combate na Ilha dos Cisnes, mas temos também outros instrutores. Há especialistas no manejo da espada, tiro ao arco, luta com bastão e com as mãos nuas, como se esperaria de uma escola de arte da guerra. Aprendemos a melhor forma de escalar as faces de um rochedo, o que fazer se alguém ficar preso ou cair e como nos defendermos de atacantes quando estamos a meio da subida de um penhasco, agarrados com unhas e dentes. Ensinam-nos a cuidar e a fazer a manutenção do nosso equipamento, desde armas a botas. Há controlos a intervalos regulares e se um de nós for encontrado com uma faca mal limpa ou calçado enlameado, todos pagamos por isso. Uma mulher parecida com um rato chamada Eabha ensina-nos a abrir portas trancadas e a esconder-nos com eficácia mesmo sob o nariz das pessoas. É mais difícil para uma pessoa alta e de porte robusto do que para uma pessoa pequena e franzina, como tenho motivos para saber. A cor do meu cabelo, um ruivo-intenso, também não ajuda.

Uma competência que não podemos aprender na ilha é o combate a cavalo. Não podemos ter cavalos aqui, não há muito terreno plano e o que existe está ocupado com as instalações de treino e os alojamentos. O resto da ilha, elevações íngremes, depressões

repentinias, penhascos abruptos, está consagrado a ovelhas, focas e papagaios-do-mar. A Ilha dos Cisnes tem uma frota de pequenos barcos, alguns para pesca, alguns para transporte de pessoas e mercadorias entre a ilha e o continente e alguns, como descobrimos, para podermos praticar o combate num convés pouco firme sem cairmos borda fora. O nosso instrutor nesse campo é Haki, um nórdico gigante.

Nunca esquecemos que estamos aqui à experiência. Os exercícios para nos testar podem acontecer a qualquer hora do dia ou da noite. E os nossos orientadores observam-nos o tempo todo. Quem é o melhor, o mais forte, o mais promissor? Não faz sentido perguntar quem o deseja mais. Todos nós o desejamos, ou não estaríamos a passar por isto. Brocc e eu preparámo-nos durante meses para conquistar lugares no curso de treino, do qual talvez dois ou três, dos vinte, sejam escolhidos para membros permanentes da força da Ilha dos Cisnes. Ninguém quer ser mandado para casa.

Se fosse eu a escolher, escolhia Dau. Poderá ser o menos simpático dos instruendos, mas distingue-se em todas as tarefas físicas e é inteligente a resolver quebra-cabeças e a delinear estratégias. Brocc não é o lutador mais forte do grupo, mas tem outras capacidades que poderão ser valiosas para a Ilha dos Cisnes. Parece-me que os nossos instrutores reconhecem os seus talentos invulgares, embora nenhum deles diga nada. O meu irmão tem uma capacidade notável para manter as outras pessoas calmas em situações difíceis. E tem uma forma de usar os seus sentidos que ultrapassa o normal, não apenas quando está a tocar música, mas o tempo todo. Quanto a mim, sei que sou suficientemente boa. Mas embora existam muitas mulheres a trabalhar e a viver na comunidade da Ilha dos Cisnes e vários orientadores do sexo feminino, o grupo de combate de elite conta apenas com dois membros do sexo feminino. Duas mulheres numa força de mais de cinquenta. E neste grupo de instruendos sou a única mulher. As probabilidades não são a meu favor. Mas vou provar o meu valor. Não vim aqui para falhar.

– Se queres a minha opinião – diz Dau agora –, Brocc é benevolente com Liobhan porque ela é mulher. Não vai com certeza trilhar-lhe o peito ou enterrar o cotovelo nas suas partes íntimas. E nunca ficaria

de braços cruzados se alguém atacasse a irmã. A expressão do seu rosto neste momento prova-o.

Consigo não olhar para Brocc, embora saiba o que deve estar a sentir. Maldito Dau! Junto com os seus outros talentos, possui uma capacidade infalível para detetar e explorar o ponto fraco de uma pessoa. Percebo que isso pode ser útil, mas preferiria que ele não a empregasse em nós.

Nenhum comentário da parte de Archu. Está à espera do momento certo. A dar-nos corda para nos enforcarmos.

– Isso é uma treta, Dau.

Diz o nosso instruído nórdico, Hrothgar, um homem grande e barbudo. Dou-me bem com Hrothgar. Contou-me como era o lugar onde cresceu, como as mulheres podem ser líderes e lutadoras e chefes de família se houver necessidade e como são respeitadas pelo que fazem. A irmã queria vir com ele para a Ilha dos Cisnes, mas tem apenas treze anos; cinco anos mais nova do que eu.

– Brocc é um belo lutador – continua Hrothgar. – Como achas que Liobhan se tornou tão boa? Treinando com ele durante anos, foi o que foi. Tem o seu estilo próprio, só isso. Quanto a ficar de braços cruzados enquanto alguém ataca um dos nossos camaradas, homem ou mulher, farias isso?

– Poderia haver alguma ocasião em que tivesse de o fazer – responde Dau. – E se estivéssemos numa missão secreta e o facto de defender o meu camarada implicasse destruir o nosso disfarce? Não nos disseram que o cumprimento da missão deve vir sempre em primeiro lugar?

Lança uma olhadela para Archu, mas se o nosso instrutor responde, as suas palavras são afogadas por um agravamento repentino e violento da chuva. Retumba pela ilha, obscurecendo tudo o que está à vista e pondo um fim abrupto à conversa. Archu aponta na direcção geral do edifício mais próximo e corremos em busca de abrigo.



Ainda chove torrencialmente lá fora, horas depois, quando nos sentamos no salão depois da ceia. É nesta altura que toda a comunidade

se reúne para desfrutar da comida, bebida e da boa companhia. Contam-se histórias diante da lareira, distribuem-se canecas de hidromel ou cerveja e aqueles de nós que sabem tocar ou cantar proporcionam o entretenimento musical. Brocc e eu adoramos música. Em casa, a nossa banda era solicitada para casamentos e festivais. Até tocámos em algumas reuniões grandiosas na casa do príncipe herdeiro de Dalriada, que não fica longe da nossa casa de família. A comunidade da Ilha dos Cisnes logo percebeu que éramos músicos: a chegada de Brocc com a sua harpa amarrada às costas tornou-o bastante evidente.

Archu também é músico. Os braços do homem são só músculo; maneja o tamborim *bodhrán* como maneja a espada, como se fosse uma extensão de si. Quando toca, conseguimos ouvir os pés do guerreiro a marchar e o seu coração a bater e os sons da natureza na ilha: as grandes asas do albatroz, o mergulhar e rolar de uma foca, o zumbido do vento no telhado de colmo. É tanto mestre a tocar tamborim como o é em quase todas as formas de combate. Archu não fala da sua vida antes da ilha, nem de onde ou como desenvolveu essas aptidões. E nós não perguntamos. Mas eu gostaria um dia de ouvir a sua história.

Na noite depois daquele combate na lama, Haki conta uma história do tempo em que era um *ulfhednar*, um Pele-de-Lobo. O papel destes guerreiros sem par é saltar da proa do navio longo mal este chega à costa e espalhar o terror no coração dos inimigos. São fiéis aos deuses e, ao que parece, mais do que meio loucos. Este conto em particular diz respeito a um machado que foi abençoado pelos deuses e que, durante muito tempo, trouxe sorte ao homem que o brandia. Mas quando caiu nas mãos de outro, tudo mudou. Estamos todos fascinados pela história e percebo pela intensa concentração do meu irmão que já está a transformá-la numa canção.

– E na noite em que Brynjolf soltou o seu último suspiro... – a voz de Haki baixou para um quase sussurro – ... os homens que o velavam juraram que apesar de o machado descansar a seu lado no ataúde, ouviram a sua voz no ar por cima de Brynjolf, cantando a verdadeira canção de uma bela lâmina: *Para casa, meu companheiro fiel, vem para casa agora, para o salão dos deuses! E ao que te roubou de mim, digo: que a maldição caia sobre ti por traíres um amigo! Que a tua espada seja*

embotada e o teu braço fraco e que os teus inimigos se riam na tua cara até ao dia em que morreres!

É uma bela história. Não importa se é verdadeira ou não. A seguir é a nossa vez de entreter as pessoas: uma banda improvisada composta por mim, Brocc, Archu e Eimear, uma rapariga que é boa na flauta. Também sou competente na flauta: numa banda, a quanto mais coisas se conseguir deitar a mão, melhor. Eimear e eu estamos a executar uma dança muito viva, do género pergunta e resposta, tocando oito compassos à vez e acelerando aos poucos. No fim, os aspirantes a dançarinos tropeçam nos pés e estão sem fôlego de tanto rir. Parece tudo estranhamente certo. Os guerreiros da Ilha dos Cisnes são os melhores dos melhores em combate e os seus feitos são mencionados em voz baixa em toda Erin, alimentando os contos à lareira. Contudo, em alturas como esta, são uma grande e calorosa família.

Os pedidos de canções chovem. Felizmente, conhecemos quase todas. O entretenimento de um serão pode começar com canções que contam histórias, canções grandiosas que falam de viagens épicas, de monstros chacinados e cativos libertados. Seguem-se canções mais modestas, por exemplo como um desafortunado terceiro filho conquistou a mão de uma princesa que depois provou representar mais problemas do que ele esperara. Há canções libertinas adequadas para um salão de bebidas, baladas trágicas de amores condenados e canções de marcha que põem os homens mais velhos a cantar o refrão, quer se recordem ou não da letra. Tanto eu como Brocc gostamos de inventar versos e melodias. As nossas vozes combinam bem, a minha forte e intensa para uma mulher e a dele leve e pura com um timbre que vai direito ao coração. Em casa, pedem-nos com frequência as nossas canções de amor, que são perfeitas para cerimónias de união.

São uma opção menos óbvia para a Ilha dos Cisnes, mas esta noite vejo Dau sentado lá atrás, a bocejar de indisfarçado tédio, e, em vez de escolher uma coisa que ache que lhe poderá agradar, embora saiba-se lá o poderá ser, decido dar-lhe a canção mais doce e mais romântica do nosso repertório.

– *O Adeus* – murmuro para os meus colegas músicos. Brocc ergue um pouco as sobranceiras, mas nem ele nem Archu fazem qualquer comentário.

O *Adeus* é uma balada que faz chorar homens e mulheres adultos. O nosso arranjo começa só com a harpa, Brocc a tanger a melodia que começa em tom baixo e depois se eleva antes de se acalmar, não no fim do modo, mas na sexta, deixando a sensação de uma viagem inacabada ou de uma pergunta não respondida.

*Virás comigo para onde quer que eu vá?
Ficarás a meu lado na alegria e na adversidade?
Quando o sol aquece as colinas, quando o temporal agita o mar,
Na sombra e na luz caminharás comigo?*

*Oh, irei contigo para onde quer que tu vás,
E ficarei a teu lado na alegria e na adversidade,
Caminharei perto de ti durante a tempestade e a bonança,
E manter-te-ei a salvo com a força do meu braço.*

A canção segue os amantes no seu caminho juntos. Há um dia de casamento jubiloso; o momento em que o homem ergue o filho recém-nascido nos braços; a construção de uma casinha com vista para o mar. Uma caminhada lado a lado, como tinham prometido. Mas chega uma altura em que o marido sofre um ferimento e a ferida infecta e ele fica mortalmente doente. Isso leva-o para um caminho onde ela não o pode seguir, ainda não. Há uma criança para criar e, apesar de toda a sua tristeza, ela tem de viver para criar o filho e ensinar-lhe força, coragem e sabedoria. O marido fala:

*Não posso ir contigo para onde quer que tu vás,
E não posso ficar a teu lado na alegria e na adversidade,
Mas estarei junto de ti, embora longe da tua vista,
Amar-te-ei e proteger-te-ei até nos encontrarmos na luz.*

Brocc canta este último verso não acompanhado, a voz a ficar cada vez mais fraca. As notas finais soam num profundo silêncio; a assistência mantém o silêncio muito tempo antes de alguém se mexer. Depois aplausos estrondosos preenchem o salão e entrevejo várias pessoas a limpar os olhos, algumas de forma furtiva, outras à frente

de todos, pois qual é o propósito de uma boa canção senão despertar sentimentos, sejam eles quais forem?

Punhos martelam nas mesas.

– Mais! – gritam as pessoas.

Mas Brocc está exausto; percebo-o bem e o dia fatigou-o muito tanto no corpo como no espírito.

– Mais um pedido – clamo acima do burburinho das conversas.

– E nada triste.

– *O Salto de Artagan!* – brada alguém.

– Então vamos lá dançar o melhor possível!

Levando as flautas aos lábios, Eimear e eu lançamo-nos na jiga e Archu percute o ritmo. Quatros compassos a seguir, a harpa de Brocc começa a tecer a sua magia na melodia. Algumas pessoas energéticas dançam, mas é tarde e a maioria contenta-se em bater os pés, martelar com os punhos nas mesas ou bater palmas. Chegamos a um fim triunfante. Desejo boa-noite a todos, a sorrir, e ensaio uma meia vénia para mostrar que o entretenimento da noite terminou. As pessoas vão buscar as capas e xailes que dispuseram perto da lareira para secar e saem do salão. Parece que a chuva amainou, talvez até tenha parado. Com sorte, conseguirei chegar aos alojamentos das mulheres sem ensopar outro conjunto de roupa.

E lá está Dau, encostado à ombreira da porta, a bloquear-me a passagem.

– Boa atuação, esta noite.

– Obrigada – respondo, surpreendida. – Não achava que tivesses interesse na música.

As outras pessoas estão a passar por nós, querendo aproveitar a acalmia no tempo.

– Já ouvi a minha quota-parte de menestréis, desde excelentes a execráveis. – O tom de voz de Dau é neutro, que é o mais próximo que chega de parecer amigável. – Tu cantas bem. Isso faz-me pensar por que razão querias combater como modo de vida, quando podias estar a fazer alguma coisa mais... – Não termina a frase.

Desde muito antes de o meu irmão e eu irmos para a Ilha dos Cisnes, tenho-me esforçado por controlar o meu temperamento, sabendo que se alguma coisa me pode causar problemas aqui, é a minha

tendência para falar sem pensar, sobretudo quando estou furiosa. Conto em silêncio até cinco antes de falar de novo.

– Apropriada para uma mulher? – Ergo as sobrancelhas. – Decorosa?

– *Decorosa* não é termo que usaria para falar de ti, Liobhan, mesmo quando estás vestida dessa maneira.

Inclina a cabeça para indicar o traje que uso quando atuo: por baixo da capa tenho um vestido de lã castanho-avermelhado e, por cima deste, um vestido-aventil de linho creme, em vez das minhas habituais calças e túnica. Tenho os pés calçados com escaupins macios em vez de botas e o meu cabelo foi libertado da trança apertada e presa com ganchos que uso nos treinos.

– Pergunto a mim mesmo por que razão uma mulher passaria os seus dias a aprender formas mais eficazes de matar – diz Dau – e as noites a cantar canções de amor. Isso não significa que não consegue estar de alma e coração em nenhuma das duas atividades?

No salão atrás de mim, as pessoas estão a limpar as mesas, a abafar a lareira e a dizer boa-noite. Espreito por trás de Dau para a escuridão lá fora, onde algumas tochas iluminam o caminho que liga o salão às instalações residenciais. Não posso deixar sem resposta a pergunta bizarra dele. Mas é tarde, a chuva regressará a qualquer momento e manter uma multidão entretida é um trabalho cansativo. Quase tão esgotante como uma tarde de combates no pátio dos treinos.

– Estás a sugerir que uma pessoa com dois talentos não pode exercer ambos com êxito? – pergunto.

– Se estão em conflito, será mais sensato direcionar os teus esforços para um ou para o outro. – Dau descontraiu-se na sua posição encostado à porta; não parece ter pressa em sair dali. – Digamos que eras um líder de homens, um rei ou chefe de clã, e a outra coisa em que eras boa era ... era ...

– Acalmar bebés rabugentos?

Quando ele me lança um olhar carrancudo, acrescento:

– Bordar? Esculpir madeira?

– O meu raciocínio era sério.

– O meu também.

– Tretas, Liobhan. Os reis não fazem bordados nem cuidam de bebês.

Sorriso, mesmo sem querer.

– Podiam querer fazê-lo – digo. – Não é mais estranho do que uma mulher tornar-se uma boa lutadora. E as competências aprendidas nessas ocupações, bebês, bordados e afins, podiam ser muito úteis quando lidassem com conselheiros argumentativos, questões delicadas. Paciência, por exemplo. E precisão.

– Mostra-me um rei que borde e admito que tens razão.

– Não tenho a certeza se terei essa oportunidade, uma vez que por estes lados os reis são um tanto escassos. – Não vou partilhar a informação de que o meu irmão e eu temos boas relações com o príncipe herdeiro de Dalriada, ou que os nossos pais são amigos pessoais do pai dele. – Não tens algum outro talento, Dau? Um rapaz capaz como tu?

– Não tens nada a ver com isso. – A expressão dele mudou num instante; penso numa criatura a rosnar defronte da ponta de uma lança. Como consegui provocar aquilo?

– Não foste tu que iniciaste este tema de conversa? – Tento manter o tom de voz trivial.

– Um exercício inútil, como se viu. Desejo-te boa-noite.

– Não há necessidade de te esforçares. – Puxo a capa para cima dos ombros e dirijo-me para a saída.

– Ei, Liobhan! – A voz dele segue-me.

– Que é? – Não me viro.

– Vence-me num combate sem armas, dois de três, e admito o argumento.

– Já me esqueci do que se tratava – minto.

– Com medo de lutar contra mim?

– Nem um pouco, como bem sabes. Mas desconfio de apostas, sobretudo se estivermos a infringir alguma regra da ilha.

– Tornamos a coisa oficial. Pedimos a autorização de Archu.

Claro que direi que sim. Nunca consegui resistir a um desafio. Dau deve saber disso; é observador.

– E isso é para provar o quê, exatamente? – Virei-me para olhar para ele, mesmo sem querer.

Dau hesita. A tocha colocada por cima da entrada transformou as suas feições numa máscara bruxuleante de olhos sombreados. Sob os seus modos irónicos e pronta perspicácia, há mais alguma coisa, creio. Alguma coisa que ele esconde com perícia.

– Que, para ser o melhor, nos devemos entregar de corpo, alma e coração – diz ele. – Temos de nos entregar por inteiro ao que escolhermos fazer. Isso significa uma vocação e só uma; se formos o melhor, não há mais nada para dar.

Fico ali a olhar para ele durante alguns instantes, em silêncio.

– Aceito o desafio – digo por fim, quando a chuva começa outra vez a cair, de forma constante e silenciosa. – Mas não para contestar essa teoria. Só porque sei que consigo vencer-te. E só se Archu der a sua bênção. E só se isto não for um truque qualquer que inventaste.

A boca dele contorce-se.

– Nenhum truque. A não ser que seja contra mim. Boa-noite, então.

– Boa-noite – murmuro e corro para os aposentos das mulheres.

Que bicho mordeu ao homem? É filho de um chefe de clã com todas as vantagens que isso oferece e é também um espécimen apresentável de masculinidade, alto e bem musculado, com cabelo dourado como o trigo e feições que muitos considerariam formosas, embora o efeito seja muitas vezes estragado pela expressão que ele escolhe mostrar ao mundo. Se eu estivesse disposta a levar qualquer dos meus colegas instruídos para a cama, o que não estou, visto que isso poderia fazer com que fosse expulsa à pressa da ilha, haveria alguns que escolheria primeiro do que Dau. Para mim, um bom carácter supera de longe a beleza. Embora deva admitir que ajuda se possuírem ambas as coisas.

Quando penduro a minha capa húmida e procuro a minha roupa para a noite, ocorre-me que o meu irmão não foi mencionado nem uma vez naquela estranha conversa. E se Dau acha que eu não consigo ser bem-sucedida como guerreira se quero também ser música, com certeza que o mesmo se aplica a Brocc. Ainda mais no caso de Brocc, visto que se alguém se entrega de alma e coração à sua música é ele. Eu gosto de tocar e cantar e tento fazê-lo bem. Mas Brocc perde-se na música; quando terminamos uma atuação, precisa de algum tempo para voltar à realidade. É por essa razão que eu falo entre baladas, árias e danças.

Desconfio que o verdadeiro motivo para a aposta de Dau não tem nada a ver com música. Venci-o numa luta com bastão e, várias vezes, marquei mais pontos no arco e flecha. Ele não consegue apenas aceitar que uma mulher o possa superar em atividades tão masculinas. Isso fará com que vencer o desafio vá ser particularmente gratificante.